

AMEAÇA SUBTERRÂNEA

Mapeamento mostra que o DF tem 5 mil manchas de solo fraco. Alicerces de edificações deveriam ser mais profundos. Em Ceilândia, população teme reviver o drama da demolição de casas

CARLOS TAVARES

DA EQUIPE DO CORREIO

Um temporal que desabou sobre Ceilândia na noite de 17 de fevereiro varrou a madrugada. As águas arrastaram três carros, alagaram parte da maternidade do hospital regional e inundaram 50 residências da QNN 20 e redondezas. Despejaram na maioria das casas o medo e a tensão. De manhã, a fúria da tempestade deixara, além do rastro de lama e destruição, as marcas do abandono e da agonia na expressão grave dos moradores. Essa quadra de Ceilândia é também conhecida como Guarioroba — um dos setores mais castigados por erosões na superfície e abaixo do solo desde a década de 1980 —, cenário de velhas preocupações e conhecidos desabamentos de casas, prédios públicos e residenciais.

Naquele lugar condenado a ameaças por fenômenos climáticos naturais, as enxurradas costumam abrir crateras sobre e sob o piso das ruas e calçadas — em geral próximo das guias — e, com a força da água, alguns desses buracos assumem o formato de perigosas cavernas. Como acontece atualmente, na esquina do Conjunto J, a menos de 1m das grades que protegem a casa do contador José Everaldo Nunes, 44 anos. “Perdi a conta das noites que passei em claro, vendo a hora de a água acabar com tudo aqui dentro”,

descreve. “Todo ano perco móveis e eletrodomésticos”, diz, revoltado.

A residência de Everaldo não é a única que está ameaçada. “Várias casas dessa região podem vir a ruir ou afundar, se nada for feito, porque já estão comprometidas. Elas foram construídas em áreas de terreno fraco”, alerta o engenheiro civil da Universidade de Brasília (UnB), Dickran Berberian, especialista em estruturas de solo e danos em edificações. Na opinião de Berberian, uma drenagem pluvial tem de ser feita com urgência; é necessário também aumentar a galeria por onde passa a água que uma das obras inacabadas do metrô acumula e carrega pelas tubulações. “As manilhas (anéis de concreto ou cerâmica que unem canalizações hidráulicas) se rompem com a pressão da água quando ocorre um temporal, que arrebenta bocas-de-lobo e forma erosões por baixo do solo”, explica o engenheiro, apontando uma sequência de buracos que brotam no asfalto como furos de um queijo suíço.

“Essa situação aqui piorou de cinco anos pra cá, quando iniciaram a obra da estação do metrô e nunca terminaram”, conclui o contador José Everaldo. A nascente dos problemas que se agravam a cada ano está situada a menos 1km da casa do contador e da Panificadora Olivan, na parte mais alta do bairro. “Alugo uns cômodos em cima da minha padaria e os inquilinos morrem de medo quando chove”, detalha o dono da padaria José Olivan de Souza, que não corre o risco do contador José Everaldo

porque fez uma fundação muito profunda para erguer sua loja.

“Naquela noite do temporal, quando os carros ficaram boiando e a casa foi inundada, minha filha menor (Julianny, 4 anos) não parou de chorar um minuto, com medo da água”, recorda Nunes, que é pai também de Jennifer, 12 anos. “Quando começa o período de chuvas, todo mundo aqui fica com medo, mas ninguém faz nada”, completa outro morador que não quis se identificar. “Já mandei fazer estudo de solo naquela região. A Novacap já foi acionada e vai resolver o problema. O terreno aqui é arenoso e rico em água, por isso acontecem casos de alagamentos”, explica o administrador de Ceilândia, Adão Noé Marcelino. “O projeto original desse setor previa a proteção dessas áreas, mas até hoje lutamos por isso”, justifica Marcelino.

Herança do medo

A QNN 20 é uma das regiões mais problemáticas do Distrito Federal, em termos de fragilidade de solo. O terreno de alguns conjuntos, principalmente o de letra M, pode ser comparado a uma esponja de terra vermelha molhada. “Chamamos esse tipo de solo de colapsível porque ele sofre redução de volume quando molhado, provocando abatimentos das estruturas nele apoiadas, como edifícios, casas, redes de água, esgoto, aterros. É um solo sujeito a colapsos”, explica Dickran Berberian. Ele pretende elaborar dois manuais pa-

ra melhorar o nível de segurança nas edificações do DF: um de garantia e outro de manutenção.

O conjunto M fica a apenas 50m do J, onde Everaldo mora com a mulher, Joseneide, a mãe, Helena Nunes, de 77 anos, e as duas filhas. O contador, um dos líderes comunitários do setor, havia completado 24 anos, em 1987, quando assistiu ao drama de 56 famílias que perderam suas casas (**leia a Linha do tempo**) porque o governo foi obrigado a derrubá-las, antes que afundassem com seus donos dentro. Na época, primeiro desabou uma área do tamanho de dois campos de futebol próxima à famosa Cratera do P Sul, em 6 de fevereiro daquele ano.

No dia seguinte, a Defesa Civil e o Corpo de Bombeiros desocuparam as residências porque elas estavam afundando. Hoje, 20 anos depois, pelo menos 44 casas construídas ao redor desse terreno estão sujeitas ao mesmo fenômeno. “É imprescindível que se façam obras de reforço nas galerias pluviais que vêm do metrô. Se não adotarem esses e outros procedimentos técnicos, podemos ter uma tragédia neste lugar”, adverte o professor Dickran Berberian, ao lado de Everaldo e Olivan, em pé, no meio do espaço vazio do conjunto M, mesmo lugar onde há duas décadas 56 casas foram demolidas. Ele lembra que ali, hoje um terreno baldio que virou depósito de lixo a céu aberto, ajudou a fazer estudos de sondagem de solo e análises das edificações com danos: indicou algumas providências que até hoje não foram tomadas.